

Julián Carrón
HÁ ESPERANÇA?
*O fascínio da descoberta**

CAPÍTULO 1

“PIOR DO QUE ESTA CRISE, SÓ O DRAMA DE DESPERDIÇÁ-LA”

“Pior do que esta crise, só o drama de desperdiçá-la.”¹ Estas palavras do Papa Francisco exigem uma tomada de consciência do que nos aconteceu, do que vivemos de um ano para cá.

1. O impacto com a realidade

Para encarar o desafio, que não permitiu que ninguém ficasse indiferente, desde o início propusemos uma hipótese de trabalho,² contida numa frase de Giussani: “Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão”. Seguindo Giussani, nós nos convidamos, então, a “vivermos sempre intensamente o real”,³ sem renegar nem censurar nada. De fato, uma coisa é não poder fechar os olhos ao golpe da circunstância ou esquivá-lo, outra coisa é vivê-la recebendo a provocação que traz consigo.

Com esta hipótese para verificar, até mesmo uma situação insidiosa como a causada pela covid podia tornar-se, paradoxalmente, uma oportunidade para aumentar a nossa autoconsciência, muitas vezes ofuscada, e para perceber com mais intensidade a energia e a vibração da nossa razão; podia tornar-se uma ocasião de despertar do humano, como consciência, razão e afeição.

O que aconteceu? Depois de mais de um ano, o que vimos acontecer em nós e ao nosso redor?

Muitos evidenciaram duas fases, duas faces da nossa experiência perante a pandemia, correspondentes às duas ondas de difusão do vírus. A segunda onda, observou Antonio Scurati, “pegou-nos não menos despreparados e não menos imaturos do que a primeira, mas mais cansados, abatidos, beligerantes, mesquinhos”.⁴ Como se não tivéssemos sabido aproveitar tudo o que ocorreu na primeira fase para crescer, para aumentar a nossa consciência e amadurecer uma consistência mais profunda de nós mesmos. Tal intuição nasce do que veio à tona no decorrer da segunda onda: uma maior sensação de fragilidade, a propagação da incerteza e da ansiedade, sinais que acabam indicando, como notou Massimo Recalcati, que “o verdadeiro trauma não está no passado, mas no futuro”. A segunda onda, “ao destruir a ilusão da retomada da vida na qual todos acreditamos, [...] ampliou o horizonte do pesadelo. O segundo tempo do trauma é mais traumático do que o primeiro, pois mostra que o mal não se esgotou, mas ainda está vivo entre nós. As esperanças alimentadas desde o verão foram quebradas. Esta decepção é o sentimento que hoje prevalece”.⁵

Por muito tempo estivemos acostumados a viver num estado de aparente segurança, com a ilusão de podermos dominar a realidade. A irrupção do vírus jogou por terra essa ilusão. Contudo, passada

* Em processo de publicação.

¹ Francisco, *Homilia de Pentecostes*, 31 de maio de 2020.

² Cf. J. Carrón, *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, 2020, clonline.org.

³ L. Giussani, *O senso religioso*, Jundiaí: Paco, 2017, pp. 155, 167.

⁴ A. Scurati, “Un Natale severo (e di speranza)”, *Corriere della Sera*, 20 de novembro de 2020, p. 11.

⁵ M. Recalcati, “Il trauma della seconda ondata. Se cresce la paura del futuro”, *la Repubblica*, 31 de outubro de 2020, p. 28.

a primeira onda, bastou pouco para nos convenceremos de que novamente tínhamos a situação sob controle, de que a vida normal estava ao nosso alcance. Assim, uns mais outros menos, aproveitamos o verão. Mas “a gente não sabe o que sabe, nem sequer o que deseja saber, até ser posta à prova”.⁶

A segunda onda despedaçou mais uma vez o sonho ou a presunção, lembrando-nos que a realidade, definitivamente, não se controla. “Pensava-se”, observou Cesare Cornaggia, “que a morte fosse um fato casual, como um tumor ou um acidente, e que as doenças infecciosas tivessem sido derrotadas, porém o desconhecido que não vemos, e ao qual não sabemos responder, nos mata. Daqui nasce a insegurança”.⁷

Proporcionalmente ao “sentido do desconhecido” aumentou então a “insegurança sobre o futuro”. No início da segunda onda, Edgar Morin também retratou o fim da ilusão com a palavra “incerteza”. “Entramos na época das grandes incertezas”, escreveu, ressaltando “o caráter multidimensional da crise que atinge a vida de cada um individualmente, de todos os países e do planeta inteiro [...] Todos nós fazemos parte desta aventura, cheia de ignorância, desconhecido, loucura, razão, mistério, sonhos, alegria, dor. E incerteza”.⁸ Apesar do tom tranquilizador de determinados discursos, do otimismo que acompanhou as descobertas científicas e das iniciativas da indústria farmacêutica, ainda se esconde em nós, ameaçadora, a angústia.

Depois de mais de um ano, ainda estamos a pé, sem saber por quanto tempo estaremos nesta, embora felizmente já se mostrem cada vez mais concretos os sinais de uma via de escape. Veremos, e como todos desejamos que as coisas se resolvam o quanto antes. A situação descrita, porém, que envolveu tão amplamente a vida das pessoas, das sociedades e do mundo todo, trouxe à tona, desde as entranhas da nossa vivência, uma pergunta que acompanha a existência do homem: há esperança?

“Há esperança?” O título dos nossos Exercícios Espirituais encontrou um eco em nós e nos outros que foram convidados a participar deles, como ocorreu em dezembro por ocasião dos Exercícios Espirituais dos estudantes universitários. “Vocês sempre pegam um ponto que acaba tocando algo dentro de mim. Esse tema é decisivo!”, disse uma colega de faculdade a quem a convidou. “O título proposto”, disse ainda outra pessoa, “ressoou em mim, foi a pergunta que me acompanhou neste período”.

Tal questionamento urge do profundo do sofrimento diário. Uma amiga me escreveu: “A partir de outubro passado, com a situação pandêmica prestes a piorar de novo e uma violência geral desenfreada que cada vez mais caracterizava as notícias ouvidas, ficou estampada em mim esta pergunta: ‘Será que eu tenho esperança de que as coisas tenham um destino bom?’. E, infelizmente, me peguei respondendo: ‘Não sei’. Muitas pessoas morreram e ainda hoje, depois de um ano, continuam morrendo de covid. Vários amigos, meus e de meu marido, pessoas queridas, foram gravemente atingidas pela crise econômica. Além disso, algumas notícias dolorosas e dificuldades sérias que tenho vivido, particularmente no trabalho, me levaram a dizer: ‘Eu já não tenho certeza de que as coisas têm um destino bom, tudo está me dizendo o contrário’. Entendi que esta minha pergunta revela, no fundo, também o medo de que as coisas, as relações e as pessoas mais queridas acabem no nada. A princípio resisti a admitir a mim mesma que tinha esta pergunta. Sinceramente, ficava muito envergonhada. Depois, lembrei que na minha vida os passos mais importantes nasceram a partir de questões incômodas, incomuns e graves. O que mais me ‘encorajou’ a olhar para esta minha pergunta foi você: quando de fato descobri que havia escolhido como título dos Exercícios a questão ‘Há esperança?’, senti uma amizade profunda com você; pensei: ‘Olha, um homem que não só não tem medo de fazer-se essa pergunta, mas que não tem medo de fazê-la a todos’; por isso, ao mesmo tempo, senti você como pai, pois me ajudou a não ter o temor de me

⁶ T. Wilder, *Idi di marzo*, Milão: Mondadori, 1951, p. 56.

⁷ C.M. Cornaggia, “Ansia, paura, insicurezza: ecco quel che ancora non sappiamo”, entrevista concedida a Paolo Vites, *ilsussidiario.net*, 8 de novembro de 2020.

⁸ E. Morin, “Il potere dell’incertezza”, *la Repubblica*, 1 de outubro de 2020, p. 27.

olhar e de amar as perguntas que tenho. Com o passar dos meses, essa pergunta foi ficando cada vez mais ardente, e sinto muito ter de admitir que ainda não sei dar-lhe uma resposta. Pergunto-lhe, então: o que pode ajudar-me a identificá-la?”

A primeira ajuda – digo logo – vem da própria pergunta, como para muitos que me escreveram: “A questão sobre a esperança me impressiona por sua força. Mais uma vez, a pergunta nos liberta do nosso olhar parcial, para abrir-nos a algo além: cabe a nós a escolha entre acolher o impacto ou atenuá-lo. A pergunta me parece mais pertinente do que nunca, e não quero desperdiçar a ocasião”. Outra pessoa escreveu: “Percebo que desde agora o trabalho sobre a pergunta já vem marcando os meus dias, tornando-me mais atenta e aberta ao que acontece”. E outra ainda observou: “A questão é deixar que a pergunta se imponha, se plante onde achar melhor, sem nos dar trégua. ‘Há esperança?’ É uma luta deixar entrar essa pergunta, é uma luta não excluí-la dos meus dias, é uma luta não mentir e, assim, dizer que no fundo não há esperança, para depois fingir que há por comodidade”.

2. Atitudes diante do que aconteceu

Todo mundo é chamado a responder pessoalmente à pergunta feita, observando-se em ação, levando em consideração a maneira como olha e encara a vida, que não alivia para ninguém. Desta forma, primeiramente, tratemos de percorrer as atitudes que, diante do ocorrido, vimos realizar-se em nós ou em outrem, e que em alguma medida também foram nossas. Isso nos ajudará a ter uma consciência mais clara da pergunta tematizada, da sua pertinência à vida e do caminho necessário para podermos responder a ela.

a) *A tentação de eliminar o dado*

No mês de dezembro, a famosa revista americana *Time* dedicou a capa ao “2020”, escrevendo o número em preto, em letras garrafais, e riscando-o com um grande xis vermelho. Logo abaixo, pequena, uma frase: “O pior ano de todos”. Sobre o ano passado foi posto um xis simbólico, como querendo eliminá-lo. Mas, como todos bem sabemos, os três milhões de mortos e a crise que a pandemia provocou – da qual talvez ainda não tenhamos experimentado os piores efeitos – não podem ser eliminados! “Esta é a história de um ano que você nunca mais vai querer rever.” Começa assim o editorial de Stephanie Zacharek.⁹

A tentação de apagar aquilo que nos encurrala e nos obriga a perguntar-nos o que dá sentido à vida está sempre à espreita, como escreveu um universitário: “Se na minha vida há ou não há esperança, esta é a pergunta que me faço todas as noites, antes de cair no sono, já faz vinte e um dias, desde quando começou o isolamento devido à covid. Têm sido dias difíceis. A doença foi muito severa comigo. Por esse motivo a resposta à pergunta, numa fase inicial, era um seco: ‘Não, não há esperança’. Esse período era só um momento que eu queria eliminar. Eu vivi sobrevivendo, acordando, alimentando-me, tomando banho e trabalhando, para depois voltar para a cama e repetir tudo no dia seguinte. Amanhã estarei livre, mas – há um enorme ‘mas’ – me pergunto se vinte e um dias vividos de um determinado jeito não anularam o meu ser o que sou”. A experiência de muitos foi marcada por uma tendência a sobreviver e, assim que atravessaram o pior, a remover o momento vivido, tendo por consequência um enfraquecimento da percepção de si e a suspeita quanto ao próprio futuro.

Outros não quiseram fechar os olhos, não tentaram esquecer, mas pelo contrário desejaram não invalidar a circunstância. “Digo logo que este ano foi uma ocasião para mim, para dar-me conta,

⁹ S. Zacharek, “2020. The Worst Year Ever”, *Time*, 14 de dezembro de 2020.

como nunca me tinha acontecido, do quanto sou frágil e limitada; mas não posso dizer que estes meus sentimentos tenham sido um mal para mim, aliás, me fizeram descobrir o quanto eu tinha e tenho necessidade de apoiar minha vida em algo diferente de mim, numa plenitude que eu não construo, que não depende das circunstâncias, que não depende de mim, e que perdura!”

b) A tristeza e o medo

Muitos sentimentos, que talvez jamais tenhamos realmente confessado a nós mesmos e sobre os quais pouco nos questionamos, confortados que estávamos pelo andamento favorável das coisas, neste tempo vieram à tona de maneira insistente, dificilmente refrável. O jornalista espanhol Salvador Sostres escreveu: “Pela primeira vez conversei com um amigo meu sobre a decepção e a tristeza, e pela primeira vez não sabemos o que dizer ou fazer, e estamos muito cansados porque não dormimos muito, e percebemos que até hoje nunca tínhamos duvidado, absolutamente, que podíamos fazer algo com as nossas forças”.¹⁰

Floresce à superfície um incômodo que no fundo já estava lá, dentro de nós, coberto por um véu, protegido por uma forma de vida, por um ritmo social que de repente cessou, deixando assim que ele emergisse. Com isso, em muita gente ganhou espaço, fincando aí raízes, um senso sombrio do eu e do próprio destino, quase uma percepção de nulidade, como a projeção sobre o futuro de uma sombra opressora, que as palavras de Karmelo C. Iribarren descrevem bem: “Penso enquanto olho / pela janela aberta / a estrada, vendo / como piscam as luzes dos carros / no último trecho, / antes do túnel. Penso / que assim é a vida, / e que nada mais há. Uma leve / piscada de luz em direção à sombra / com maior ou menor velocidade”.¹¹ Portanto, não é a vida mais que uma viagem para a escuridão? Só muda a velocidade?

O medo por nós mesmos, por nosso próprio futuro, ligado à percepção da ameaça e à descoberta forçada de nossa própria vulnerabilidade, insinuou-se em muitos casos também dentro dos limites das paredes de casa, corroendo os relacionamentos mais familiares, como confessou o escritor e roteirista Francesco Piccolo: “Até a chegada da pandemia, meus filhos, no máximo, é que tinham medo de mim. [...] Agora [...] o instinto me leva a ficar longe deles. De vez em quando meu filho convida um colega da escola para estudar. Eu tento voltar para casa quase sempre depois que o colega da escola já saiu. [...] Minha filha está em Bolonha. [...] Nunca me telefona, pois está tão impressionada com o meu medo, que teme que eu ache que, se ela me telefonar, me contamina. [...] Às vezes, acho que estou numa série de TV. [...] Não me deixa nada tranquilo o fato de ter um filho em casa que corre, grita e sai todos os dias. Este é o novo turbilhão de sentimentos torto e artificial que o coronavírus criou: ter medo dos próprios filhos mais do que de qualquer outro ser humano no mundo”.¹²

c) O terror da morte

De que medo ele está falando? Não só do medo do contágio, mas do de morrer, visto que o contágio pode ter consequências letais. A morte, cuidadosamente ocultada e despejada, retornou visível. Ao ocupar maciçamente a cena real e midiática, ela parou de ser considerada, no inconsciente coletivo, como um mero acidente de percurso, um inconveniente esporádico, que ainda acontece mas logo

¹⁰ S. Sostres, “La próxima vez que me muera”, *ABC*, 24 de setembro de 2020.

¹¹ “Lo pienso ahora que miro / por la ventana abierta / la autopista, viendo / cómo los coches parpadean / en el último tramo, / antes de túnel. Pienso / que así es la vida, / y que no hay más. Un leve / guiño de luz hacia la sombra / a mayor o menor velocidad” (K.C. Iribarren, “Hacia la sombra”, in Idem, *Seguro que esta historia te suena*, Salamanca: Renacimiento, 2015, p. 42).

¹² F. Piccolo, “Maledetto virus mi hai insegnato ad avere paura dei miei figli”, *la Repubblica*, 1 de fevereiro de 2021, pp. 12-13.

será extinto ou ao menos confinado. Para apontar tal situação, o jornal *L'Espresso* escolheu como “Pessoas do ano” – em 2020 – “A morte e a vida”. Abaixo de uma “fotografia” da Morte encapuzada, jogando xadrez com um bebê sob um céu cinzento, no resumo da capa estava escrito: “O medo do fim abalou os sistemas econômicos e políticos. E as nossas experiências diárias”. Dentro da revista, no editorial, lemos que a morte, “removida da cultura, [...] foi devolvida ao centro das atenções pelo ano da pandemia”. E, pouco depois, que o medo do fim, paradoxalmente, deveria trazer consigo um estranho pressentimento: “Ter medo de morrer significa saber que há algo que transcende a nossa existência individual. Um Fim. E os Herdeiros”.¹³ Massimo Cacciari destacou em seu artigo: “Leopardi é quem nos ensina [...]. Se a vida vale mesmo, e então está empenhada em alcançar algo que lhe transcende sempre a existência finita, então a morte não é temida, é vivida”.¹⁴ E, vivendo-a, despertam-se as perguntas profundas.

d) O despertar das perguntas profundas

Observa Heschel: “A primeira resposta à pergunta: ‘Quem é o homem?’ é a seguinte: o homem é um ser que faz perguntas sobre si mesmo. Ao fazer tais perguntas, o homem descobre ser uma pessoa, e a qualidade delas revela-lhe a sua condição”.¹⁵ O homem é o nível da natureza em que a natureza se interroga sobre si mesma, sobre o próprio sentido, sobre a própria origem e o próprio destino. “Por que estou aqui? O que está em jogo na minha existência? Estas perguntas não derivam de nenhuma premissa: são dadas junto com a existência”.¹⁶ Mas o questionamento do sentido da própria vida não pode ser dissociado do questionamento do sentido da própria morte.

Quem se deixou abalar pela imensidão da provocação deste ano dramático não pôde evitar ver florescer em si, na própria consciência, perguntas das quais normalmente, em tempos que podemos definir “normais”, se teria poupado. Mas desta vez, pelo caráter global do perigo, a vulnerabilidade, a solidão, o sofrimento e a morte tocaram mais insistente e diretamente a nossa carne ou a de alguém perto de nós. A situação despertou a todos do torpor rotineiro, que costuma reduzir a densidade das perguntas existenciais fazendo-as parecer um exagero de quem quer estragar a festa dos demais. Essa bolha estourou, principalmente com a irrupção da segunda onda: “O sofrimento é uma agressão que nos convida à consciência”,¹⁷ lembra-nos Claudel.

Ignacio Carbajosa, enquanto padre, passou cinco semanas num hospital de covid-19 de Madri e transcreveu num diário a experiência de “testemunha privilegiada” da vida e da morte de muitas pessoas. Escreveu: “O que eu vi batalhou em mim. Feriu-me”. O que ele viu? Entre outras coisas, uma menina de vinte e quatro horas e Elena, uma mulher que acabara de morrer. Pergunta-se: “Elena? Onde você está, Elena? Os dois extremos da vida: nascimento e morte em menos de uma hora. Que tentação eliminar um dos dois polos! E que coragem e desafio para a razão manter a ambos para abrir-se a uma pergunta: ‘Que é o homem, para dele assim vos lembrardes?’” Depois de passar um mês assistindo os pacientes de covid-19, anotou em seu diário: “Neste tempo, minha razão e meu afeto viram-se desafiados por um problema de conhecimento: que é a razão? que é a morte? E, por consequência: que é a vida? Todo dia tenho de encarar essas perguntas, estando diante de doentes que sofrem e morrem”.¹⁸

Quem quer que neste tempo não se tenha fechado como uma ostra deve ter sentido vibrar no íntimo algumas cordas, que talvez nem soubesse que tinha. Pode ser que alguns a tenham logo silenciado, na tentativa de voltarem à normalidade. Mas certamente perceberam o impacto, ainda que por um instante. Como uma sementinha minúscula, um quase nada, aconteceu que eles – como

¹³ “Persone dell’anno. La morte e la vita”, titolo di copertina de *L'Espresso*, 20 de dezembro de 2020.

¹⁴ M. Cacciari, “Per amore della Vita”, *L'Espresso*, 20 de dezembro de 2020, p. 17.

¹⁵ A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*, Milão: SE, 2005, p. 42.

¹⁶ *Ibidem*, p. 25.

¹⁷ P. Claudel, *Tre figure sante per il tempo moderno*, Alba (Cn): Paoline, 1997, p. 46.

¹⁸ I. Carbajosa, *Testigo de excepción*, Madri: Encuentro, 2020, pp. 14, 66, 96-97.

observei antes – tiveram o início de um despertar do humano: “Justamente por causa das dificuldades que não me foram poupadas, para mim o ano de 2020 coincidiu com um inesperado despertar do meu eu”. Quantos não o terão reconhecido e quanto tempo não será necessário para essa semente conseguir germinar!

Entendo que isto possa parecer muito pouco ante a vastidão do drama, mas é como uma promessa: a vibração do nosso íntimo é, de fato, o sinal de uma espera que tem raízes profundas em nós, que coincide conosco: a espera por algo à altura da vida e da morte, a espera por um imprevisto que desencadeie um jorro de afeição a nós mesmos e permita ao nosso desejo despertar-se e realizar-se. Essa vibração da nossa razão, a urgência de sentido que percebemos com evidência em alguns momentos, deixa-nos na condição mais favorável para identificar – se e onde acontece – a resposta. Giussani costumava repetir, a respeito disto, uma frase de Reinhold Niebhuur: “Nada é tão inacreditável quanto a resposta a uma pergunta que não é feita”.¹⁹ O que significa? Talvez hoje possamos compreendê-lo melhor por causa da experiência do último ano: quanto mais enxergo um problema, quanto mais uma necessidade urge dentro de mim, mais fico atento a qualquer eco de resposta, qualquer indício dela suscita minha curiosidade.²⁰

Mesmo com toda a sua urgência e mesmo sendo inevitável, a pergunta acerca do sentido da existência constitui – é bom não esquecer – um convite, que sempre pode ser recusado. E a recusa conduz à diminuição da consciência dessa pergunta, até o seu ocultamento. “A pergunta se impõe, mas não a atenção à pergunta. Assim, mais de uma pessoa a define como ociosa [...]. Então o questionamento acerca do sentido da existência atenua-se e enfim desaparece. Chega-se, como dizia Gide, a ‘deixar-de-sentir-a-necessidade’.”²¹ Agora, quem não escapa a essa interrogação experimenta sua dimensão cognoscitiva, sua capacidade de redespertar: “Neste ano ‘inédito’, aconteceu para mim uma revolução: já não preciso encerrar depressa a questão, dando a mim mesma respostas perfeitas e infalíveis, mas pré-fabricadas; aliás, preciso exatamente do contrário: manter viva a pergunta, aceitar-lhe a dramaticidade, pois nesta pobreza que não possui nada e não se apoia em esquema, rituais, seguranças adquiridas, eu vivo a grande possibilidade de me dar conta daquilo que existe”.

3. O critério de juízo

Levar a sério a urgência humana significa ter nas mãos o critério para julgar tudo o que está ao nosso alcance, todas as posições – nossas e alheias –, desmascarando os enganos e as ilusões, e reconhecendo o que vale. As perguntas últimas e constitutivas, as “emoções [...] inteligentes e dramáticas”²² que se afirmam no fundo do nosso eu, representam o ponto com que comparamos qualquer proposta, qualquer perspectiva, qualquer encontro.

Ungaretti escreveu numa de suas poesias: “Meu coração / hoje / não é senão / uma batida de nostalgia”.²³ E Etty Hillesum segue a mesma direção: “Por isso sempre aquele sentimento doloroso de desejo, que nunca era satisfeito, a nostalgia de alguma coisa que eu acreditava que era inacessível”.²⁴ Temos dentro de nós uma nostalgia misteriosa e inapagável, como um pano de fundo

¹⁹ R. Niebuhr, *Il destino e la storia. Antologia degli scritti*, Milão: Rizzoli, 1999, p. 66.

²⁰ Observa Luigi Maria Epicoco: “O objetivo do momento não é sobreviver ao contágio, mas antes compreender que, mesmo através desta experiência, já não podemos adiar a grande demanda de significado sobre a vida, que esta pandemia está, de forma enérgica, voltando a pôr em campo” (L.M. Epicoco em diálogo com S. Gaeta, *La speranza non è morta. Parole di fede in tempo di crisi*, Cinisello Balsamo-Mi: San Paolo, 2020, p. 40).

²¹ F. Varillon, *L'umiltà di Dio*, Magnano (Bi): Qiqajon - Comunità di Bose, 1999, p. 30.

²² L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 74.

²³ G. Ungaretti, “Oggi” in Idem, *Poesie e prose liriche. 1915-1920*, Milão: Mondadori, 1989, p. 40.

²⁴ E. Hillesum, “16 de março de 1941”, in Idem, *Uma vida interrompida: Diário de Etty Hillesum, 1941-43*, Belo Horizonte: Âyinê, 2019, p. 35.

invisível, incognoscível, com o qual comparamos toda a vida e todas as relações. Santo Agostinho a chama inquietude: “Criaste-nos, Senhor, para Ti, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti”.²⁵ Essa inquietude torna-se o critério de juízo para identificar aquilo para o qual seu coração foi feito. Ele não pode errar, porque pode fazer a verificação na experiência: o descanso. O que responde à sua inquietude, à sua espera, reconhece-se pelo descanso que ele experimenta quando o encontra – um descanso que custodia e exalta a espera.²⁶

Independentemente de onde tenha nascido e da cultura que o acolheu, todo homem vem ao mundo com uma urgência de sentido, de destino, de absoluto, que num dado momento vê surgir em si mesmo e com a qual, querendo ou não, é obrigado a confrontar-se, tenha a posição que tiver. Essa urgência pode ser enterrada debaixo dos escombros da distração, mas determinados acontecimentos, como a pandemia, perfuram as incrustações, sacodem do torpor e a fazem aflorar, impedindo que nos contentemos com uma resposta qualquer. Solicitados pelo que acontece, quanto mais a urgência se torna aguda, mais salta aos olhos o que é capaz de fazer frente a ela, de corresponder a ela.

Tratemos agora de considerar as diversas posições que vimos alternar-se ou entrelaçar-se perante o desafio em que estamos imersos – nas quais podemos reconhecer-nos total ou parcialmente –, para examinarmos sua resistência.

a) “Tudo vai dar certo”

Lembremos o *slogan* mais repetido no primeiro *lockdown*: “Tudo vai dar certo”. De fato, todos trazemos em nós uma espécie de esperança natural, com a qual encaramos a vida. Nós a vimos despontar assim que a crise sanitária começou. Enquanto os médicos se entregavam generosamente arriscando-se a si mesmos, muitas pessoas punham a cara nas janelas para manifestar sua confiança. Ouvimos muitas vezes repetirem essas palavras: “Tudo vai dar certo”. Será que essa esperança – esse otimismo – resistiu à duração e à aspereza do desafio? A segunda onda a pôs contra a parede, mostrando-lhe o quanto era frágil e incapaz de resistir ao tsunami que nos arrastou.²⁷

O mesmo se dá com relação às várias contradições que acompanham a nossa existência. Leopardi expressou-o magistralmente: “Mas se um disorde acento / O ouvido fere, em nada / Se torna esse paraíso num momento”.²⁸ Basta um nada, um disorde acento, para pôr em risco o paraíso que construímos para nós. Imaginemos o que pode acontecer quando em seu lugar está a covid, com todas as consequências que bem conhecemos.

O impacto com uma circunstância contraditória, com a dureza da realidade, põe à prova a consistência da nossa esperança. Uma estudante universitária me escreveu: “Eu sempre tive certeza da presença de uma esperança e da grandeza da circunstância que estamos vivendo; tudo isso tinha ficado claro no primeiro *lockdown* e principalmente neste verão, quando precisei pôr em dia o estágio. Mas nos últimos dias tem crescido em mim um grande peso no coração. O que passou a dominar meus dias já não é aquela esperança, mas apenas muita dificuldade, entregue a mil pensamentos e tentações diárias. Como é possível?”

²⁵ “*Fecisti nos ad te [Domine] et irrequietum est cor nostrum, donec requiescat in te*” (Santo Agostinho, *Confissões*, I,1,1).

²⁶ Essa “quietude”, escreveu Guardini, “é qualquer coisa muito maior que o simples estar sem fazer nada: é uma plenitude em si mesma” (R. Guardini, *Lettere sull'autoformazione*, Brécia: Morcelliana, 1994, p. 136).

²⁷ Jean Daniélou observa: “Esperança não é otimismo. O otimismo é a atitude fácil em virtude da qual nós achamos que as coisas sempre vão acabar resolvendo-se sozinhas. Numa forma mais reflexiva, ele considera o mal como uma simples desordem que se eliminará por conta própria, ou também como uma crise de crescimento. Anulando assim a tragicidade do mal, o otimismo é o pior inimigo da esperança” (J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, Brécia: Morcelliana, 2012, p. 370).

²⁸ G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo”, in *Idem, Poesia e prosa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 277 (vv. 47-49).

b) *A solidariedade*

Quando um evento é “um assunto de todos”, como conta Camus em *A peste*, cada um procura enfrentá-lo como pode; e cedo ou tarde caem, uma após a outra, as ilusões com que se tenta fugir dele. A crueldade de alguns eventos é tão impactante, que faz vacilar até as certezas mais consistentes, como as de Padre Paneloux, no romance de Camus, que diante da morte de um inocente vê desmoronar a ideia de uma justiça retributiva. “Portanto, que fazer? É aqui que as palavras do Padre [Paneloux] iluminam”, escreveu Recalcati, “o pressuposto de toda e qualquer experiência humana de cuidado. Ele conta que, durante a grande peste de Marselha, dos oitenta e um religiosos presentes no convento de La Mercy, apenas quatro sobreviveram à peste. E desses quatro três fugiram para salvar a própria vida. Mas pelo menos um foi capaz de ficar. É esta a última palavra que o padre oferece a seus fiéis: estar entre os que sabem ficar. Saber ficar é efetivamente o primeiro nome de qualquer prática de cuidado. Significa responder ao apelo de quem caiu. Em termos bíblicos, é o que ilumina a palavra ‘Eis-me aqui’, é o que torna humano o cuidado sem abandonar ninguém à violência inaceitável do mal. Não dando sentido ao mal, mas ficando ao lado de quem se vê afligido por ele”.²⁹

Como disse o Papa Francisco, a covid nos tornou mais conscientes de estarmos todos no mesmo barco, e isso encorajou muitos a arregaçar as mangas e ajudar, na medida de suas possibilidades. Ninguém pode negar o valor ímpar de tal empenho, mas ao mesmo tempo ninguém pode afirmar que o cuidado prestado, quando tem bom êxito e quando não o tem, seja suficiente para fazer frente à pergunta que surge nas circunstâncias mais extremas: nós não temos necessidade apenas de assistência e de tratamento médico, precisamos também de algo que nos permita olhar para o sofrimento e a morte sem desmoronarmos à vista deles. Aqui é que se evidencia o limite de toda e qualquer tentativa de solidariedade, de proximidade e de cuidado, por mais indispensável que seja. A natureza da necessidade que a situação trouxe à tona naqueles que se deixaram ferir pelo que estava acontecendo é mais profunda do que a resposta solidária.³⁰

c) *A vacina como panaceia*

Seja muito bem-vinda a vacina! Como não alegrar-se, depois de ter visto tanto sofrimento, medo, confusão, morte? Não podemos, porém, desconsiderar o que Susana Tamaro escreveu numa “Carta ao Menino Jesus”, publicada no *Corriere della Sera* em 22 de dezembro do ano passado: “Perdoai-nos por estarmos certos de que a vacina será a salvação, pois a vacina será, sim, maravilhosa, uma ajuda indispensável – como é igualmente maravilhosa e indispensável a ciência, que se põe a serviço do homem –, mas não será capaz de dissolver a névoa da nossa infelicidade. Para fazê-lo, precisaremos de um novo olhar e de um coração purificado, que, com esse olhar, dialogue”.³¹ Estas palavras desnudam um questionamento que não podemos evitar: a vacina é suficiente para responder às perguntas que a pandemia despertou? É só disto que precisamos? Derrotar a doença?

E quando não há remédio para a doença? A mãe de um menino com uma síndrome muito grave escreveu: “Neste período especialmente difícil, nosso filho ficou internado na UTI, sedado e intubado. Em momentos como este, eu me apego a qualquer coisa que me faça lembrar que sou olhada e amada: assim telefono e troco mensagens com os amigos, leio e releio algumas coisas, buscando força. Na ala pediátrica em que estamos, a internet e o telefone pegam muito mal, e a

²⁹ M. Recalcati, “Ed io avrò cura di te”, *la Repubblica*, 15 de outubro de 2020, p. 27.

³⁰ O mesmo se dá quando nos esforçamos para responder às necessidades do outro: “Trata-se da descoberta do fato de que, justamente porque nós os amamos, não é a nossa ação que os torna felizes; de fato, nem mesmo a mais perfeita sociedade, ou a organização mais forte e sábia, nem a maior riqueza do mundo ou a saúde mais perfeita, nem mesmo a beleza mais pura ou a civilização mais aprimorada poderá torná-los felizes” (L. Giussani, *O sentido da caritativa*, clonline.org, p. 6).

³¹ S. Tamaro, “Sotto l’albero vorrei ritrovare l’innocenza”, *Corriere della Sera*, 22 de dezembro de 2020, p. 29.

covid não permite ver ninguém. Desta forma, as coisas a que eu mais me apego ficaram indisponíveis. Lembro-me de ter lido uma frase, uma de tantas escritas nos jornais: ‘Precisamos esquecer o ano passado, vamos olhar em frente, a esperança da vacina está chegando’. Como é que alguém pensa que a esperança vai estar toda na vacina? Penso em meu filho: ter saúde é o que nos dá esperança? Então ele estaria condenado, quando, na verdade, é ele mesmo quem, tantas vezes, me testemunha uma esperança imensamente maior. Olhar para ele e para seu corpo me remete ao desejo de bem que cada um de nós tem, ao desejo de sermos felizes e amados apesar de sermos defeituosos. Os nossos defeitos são o drama que nos faz pedir: permitem que peçamos e desejemos mais”.

Como responder à voragem trazida à tona – mas não criada – pela crise sanitária? E, antes ainda, de que voragem se trata? É a voragem das nossas próprias exigências humanas, da sede de vida que temos em nós. E é também a voragem do medo da morte e da dor, cada vez mais constante, da angústia de perder a vida e de que a vida no fim não se realize. São suficientes as “respostas” que mencionamos para cobrir tal voragem?

4. A fuga de si mesmo

Escreveu-me uma jovem doutora: “A princípio, minha abordagem aos dias era esperar que as coisas corresse mais ou menos como eu tinha em mente. Sou médica, terminei a residência em novembro, e em janeiro tinha acabado de me mudar para uma nova cidade a fim de começar o novo trabalho. Estava cheia de expectativas, com o desejo de finalmente realizar, depois de todos os anos de formação, a minha vocação de médica. Em março do ano passado, o primeiro *lockdown*. A administração de saúde está sobrecarregada, meu contrato perdeu qualquer prioridade e eu não posso continuar no hospital. Não posso sequer ficar para dar uma ajuda. Uma médica inútil. Em plena pandemia! Enquanto isso, eu via passar na TV todos aquelas requisições de médicos. Mandei pelo menos dez currículos respondendo a anúncios perto e longe de casa, mas não tinha os requisitos necessários. Uma médica inútil. Você pode imaginar a raiva e a frustração. Eu sempre partilhei aquilo que ouvia sobre o valor do imprevisto, mas a verdade é que, bem lá no fundo, achava que o imprevisto tivesse de caber nos limites do que eu tinha na cabeça. Portanto passei a me conceber abandonada, descartada e deixada de lado. Eu me dizia: ‘Onde está o seu Deus? Se existe, esqueceu-se de você. Provavelmente não existe’. Enfim, ficou gravada em mim a dificuldade desses meses. Mas queria que a minha ‘crise de covid’ não fosse desperdiçada. Não queria perder a ocasião para ir a fundo na dúvida acerca da existência de Deus ou, ao contrário, da possibilidade de que Deus exista e de que Deus realmente se importe com a minha vida. É possível afirmar com a certeza da experiência que ‘até mesmo os cabelos de nossa cabeça estão todos contados’? É possível ter tanta certeza a ponto de poder dar as razões dela também a quem não crê ou, mais simplesmente, a mim mesma quando duvido?”

Se não quisermos “desperdiçar” a crise que estamos atravessando, como disse o Papa Francisco, não podemos perder a ocasião de nos deixarmos provocar pelas perguntas que urgem dentro de nós. Não desperdiçar a crise é tentar responder à dúvida que tantas vezes nos penetra até o coração. Se não a enfrentamos de peito aberto e não achamos uma resposta à altura da pergunta, somos obrigados a fugir de nós mesmos, pela impossibilidade de estarmos diante do drama.

Fugir de nós mesmos é o caminho mais comum, enquanto nos pudermos permitir: ficar ao largo da voragem do coração, de exigências “impossíveis” de satisfazer, que não se podem domesticar e que nos inquietam.

Se medo e solidariedade predominaram de algum modo no decorrer da primeira onda, na segunda, como dissemos, passou a prevalecer uma incerteza ante o futuro, uma consciência mais aguda da necessidade de sentido e da dificuldade em encará-la. É isto o que motiva a fuga. Fugimos por não conseguirmos suportar uma vida que grita a exigência de um significado. Tentamos então ir

para o mais longe possível de nós mesmos, quase “como se nos considerássemos menos importantes do que todo o resto”.³² O preço que se paga é uma vida pela metade, desvalorizada. Como escreveu recentemente Alessandro Baricco: “E desta outra morte, quando é que falamos? A morte rasteira, que não se vê. Não há decreto que trate dela, não há gráficos diários, oficialmente não existe. Mas todo dia, há um ano, ela está aí: toda a vida que não vivemos”.³³

Fugindo de nós mesmos não fazemos mais que agravar a situação, pois assim nada mais é nosso, tudo se torna alheio. Foi o que descreveu Giussani com traços inesquecíveis: “O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é ‘a negligência’ do eu. No contrário dessa ‘negligência’, isto é, no interesse pelo próprio eu, está o primeiro passo de um caminho realmente humano”. E continua: “Poderia parecer óbvio que se tenha esse interesse, enquanto na verdade não o é de modo algum: basta ver que grandes rasgos de vazio se abrem no tecido cotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda de memória”. Se parecem palavras escritas para nós hoje – embora remontem a 1995 –, é porque a pandemia trouxe à tona uma dinâmica de experiência que a precede e a acompanha. As palavras de Giussani nos conscientizam de uma possibilidade permanente da alma humana, de uma tentação que nos acompanha ao longo de todos os nossos dias: a negligência do eu. “Por detrás da palavra ‘eu’ há hoje uma grande confusão, todavia [...] quando se negligencia o próprio eu, é impossível que sejam minhas as relações com a vida, que a própria vida (o céu, a mulher, o amigo, a música) seja minha. Para que possamos dizer *meu* com seriedade, é preciso que sejamos límpidos na percepção da constituição do nosso próprio eu. Nada é tão fascinante quanto a descoberta das reais dimensões do próprio ‘eu’, nada é tão rico de surpresas quanto a descoberta do próprio rosto humano”.³⁴

Na propagação de tal confusão, há também uma influência externa à nossa pessoa. O enfraquecimento do sentido do eu mostra-se como um sintoma da direção empreendida pela nossa cultura e do impasse em que ela se encontra: “Com efeito, uma civilização é evoluída na medida em que é favorecida a vinda à tona e o esclarecimento do valor de cada eu”. É o resultado paradoxal de uma parábola, a da modernidade, em que o eu pretendeu pôr-se no centro, como senhor de si mesmo e das coisas, e a razão se erigiu como medida da realidade. Deus, o Mistério a quem a realidade, em última instância, remete irredutivelmente, foi suprimido da concepção da vida e do mundo. Isso não levou a uma relação mais próxima e direta com a realidade, mas, ao contrário, levou a uma fuga dela e do seu significado, e à redução da existência humana a um mero dado de fato. “Na confusão acerca do rosto último do próprio ‘eu’ e da realidade, amadurece hoje uma tentativa extrema de dar prosseguimento a esta fuga da relação com o infinito Mistério que, no entanto, todo homem razoável vê no horizonte e na raiz de qualquer experiência humana: é preciso negar qualquer consistência última ao viver. Se a realidade parece escapar ao pretendido senhorio do homem, o recurso extremo do orgulho é negar-lhe qualquer consistência, arbitrariamente considerar tudo como se fosse uma ilusão ou um jogo. Podemos chamar niilismo o que hoje reina na maneira de pensar e de olhar.”³⁵

É uma fuga que, de um jeito completamente diferente, a Bíblia descreve no primeiro capítulo do livro do profeta Jonas. Conhecemos o desenrolar da história. Por duas vezes no capítulo uma frase é repetida: “Jonas fugia da face do Senhor”.³⁶ Mas semelhante fugir de Deus, diz Giussani, coincide com “fugir da nossa responsabilidade, fugir da vida ‘una’, da unidade com todas as coisas; fugir da plenitude, fugir do significado e da plenitude”. Portanto, ainda que estivéssemos “decididamente

³² Nicola Cabasilas escreve: “O que fazemos, o que nos é habitual, o que nos parece correto, tudo isso é muito importante para nós: apenas as coisas que são verdadeiramente nossas é que nós consideramos serem menos do que as demais, sem refletirmos sobre o modo de cuidá-las e de garantir por meio delas o nosso direito, como se nos considerássemos menos importantes do que tudo o mais. Pelo menos, convertamo-nos por essa novidade que abalou e transformou todas as coisas” (Cf. N. Cabasilas, *A vida em Cristo*, Lisboa: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020).

³³ A. Baricco, “Mai più, prima puntata”, *www.ilpost.it*, 9 de março de 2021.

³⁴ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 1996, p. 11.

³⁵ *Ibidem*, pp. 13, 16.

³⁶ Cf. Jn 1,10.

devotados a um movimento católico” – disse em 1963 a um grupo de responsáveis da época – e déssemos a ele todo o nosso tempo livre, fugir da relação com o Mistério “é um vazio que nós permitimos a todos os nossos dias”,³⁷ é uma fuga de nós mesmos, que pode assumir diversas formas.

a) O ativismo

Podemos evitar o grito que vem desde as entranhas da nossa humanidade atirando-nos freneticamente na ação, comprometendo-nos até o ponto de não termos tempo para pensar nas nossas verdadeiras exigências. A atividade vira como que uma droga. Nós vimos o quanto esse ativismo invade nossa vida quando os *lockdowns* nos obrigaram a parar: trancados em casa, de repente fomos forçados a lidar com nós mesmos. E quantos de nós não se descobriram vazios, desorientados, insuportáveis aos próprios olhos! O ativismo é um agir sem razões adequadas, por isso não nos abre, não nos amadurece. Assim, quando vivemos alguns momentos de interrupções obrigatórias, damos por nós cheios de insegurança e sentimos o peso de nós mesmos como se se tratasse de uma montanha sobre os próprios ombros. Como me escreveu uma jovem: “Nestes meses tão difíceis e áridos, percebi que não consigo encarar determinadas perguntas e, quando elas aparecem – e acontece bastante –, tento enterrá-las usando uma lista de coisas para fazer, pois não tenho resposta. Isso me destrói. Quando os amigos me perguntam como estou, nunca sei como responder: tenho dois filhos fantásticos e saudáveis, todos estamos bem, financeiramente não fomos afetados pela pandemia, não tenho nada de que poder reclamar, mas sempre sinto um forte vazio e uma grande solidão, estou sempre brava e em tudo sempre vejo o lado negativo. Quase nunca fico livre com os amigos, pois tenho medo de que, trazendo para fora o meu vazio, se crie um silêncio constrangedor, sem ter por onde fugir, a não ser uma rápida mudança de assunto”.

O ativismo de que estou falando pode ter muitos objetos ou âmbitos: normalmente é o trabalho, mas pode ser um partido, uma associação cultural, de voluntariado, ou – como disse Giussani – um “movimento católico”. Nós somos os primeiros a participar desta atitude: podemos despejar num fazer a falta de um empenho sério com a nossa humanidade. Até o “fazer as coisas do Movimento” pode representar um jeito de fugir de nós mesmos.

Em várias ocasiões, Giussani nos alertou sobre tal atitude, advertindo-nos do que se esconde em suas raízes. Com efeito, no ativismo, as coisas que fazemos, as coisas em que estamos envolvidos e em que procuramos a satisfação são o que constitui o significado efetivo da vida, o verdadeiro objeto de estima: não é Deus, não é Cristo, não é a relação com o Mistério feito carne. “De fato, existencialmente, estimamos outras coisas mais que Cristo”. Estamos vinculados ao Movimento não pelo Mistério que carrega, mas pelas coisas que fazemos. E “isso não amadurece a experiência da nossa vida”.³⁸ Não pensem que dizer estas coisas seja um exagero. Quando o que nos vincula são apenas as coisas que fazemos, cedo ou tarde o nosso estar juntos perde o interesse: “Abandonei o Movimento há trinta anos, no fim da faculdade: meus dias eram repletos de atividades e encontros, mas é como se tivesse perdido o sentido de tudo, dando-o por óbvio, e então a vida era árida”.

b) A distração, para preencher o vazio com barulho

Quando se torna quase inevitável tomar consciência da nossa própria fragilidade, como ocorreu neste período de provocação e provação, quando conseguimos tocar a nossa contingência e a nossa efemeridade, facilmente recorremos à arma da distração. Uma vez que abrem caminho em nós

³⁷ Fraternidade de Comunhão e Libertação, *Documentação audiovisual*, Exercícios dos Responsáveis de GS, Varigotti (SV), 6-9 de dezembro de 1963.

³⁸ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Milão: Bur, 2018, pp. 104 e 107.

perguntas que nos põem em questão e nos inquietam, sem que saibamos responder a elas, preenchemos esse vazio de respostas com barulho. No tempo livre procuramos estímulos e notícias, vagueamos de lá para cá na internet e nas redes sociais, providenciamos interesses sempre novos, passamos rapidamente de uma coisa para outra sem aprofundar nada: o nosso objetivo, confesso ou inconfesso, é evitar a questão do destino, a urgência que sentimos, é tentar não lidar com nós mesmos.³⁹ É uma arma fraca, nós sabemos, que no fim não resiste, mas nos contentamos com a trégua que, ao menos por um tempo, ela nos garante.

Distração e irreflexão podem caracterizar muitos dos nossos dias e também longos períodos da nossa vida. Elas representam, em certo sentido, a outra face do cinismo: quando a distração não funciona, assume o cinismo, que é outra forma de fechar a porta à urgência, preferindo tachar tudo de inconsistente e navegar “às margens do sentimento do nada”.⁴⁰

“Não acreditava”, confessou Bernanos, “que o que se define com um termo tão banal como distração pudesse ter tal caráter de dissociação, de desmoronamento”.⁴¹ A nossa pessoa se afunda na alienação, no automatismo; ficamos cada vez menos presentes a nós mesmos: distraídos significa arrancados da substância da vida.

c) *A volta à normalidade, para virar a página*

“O que temos pela frente? O jogo está realmente pronto? Podemos voltar à vida que costumávamos viver, ou desapareceu para sempre?”⁴² questionou-se Orwell em 1939. A pergunta ainda conserva seu apelo. Virar a página o quanto antes, deixar para trás o que aconteceu, esquecer! Este é o imperativo que parece circular: agir como se nada tivesse acontecido, como se as perguntas não tivessem sido despertadas, as mortes não tivessem ocorrido e a confusão tivesse sido um incidente que pudesse ser apagado com uma borracha. É uma tentação sempre à espreita, como escreveu Vassili Grossman ao fim de sua vida: “Que tudo volte a ser como era antes dessa mudança insuportável, que tudo volte a ser costumeiro, conhecido, e já não haja traços dessa novidade que quebra os ossos e entra no sangue...”⁴³ De uma atitude como esta jamais poderá nascer um ganho para a nossa experiência, muito pelo contrário, evidentemente.

³⁹ A “distração”, destaca Romano Guardini, é “o estado no qual o homem não tem centro nem unidade, seus pensamentos vagam de um objeto a outro, seu sentir é indeterminado e sua vontade não é senhora de suas próprias possibilidades” (R. Guardini, *Introduzione alla preghiera*, Bréscia: Morcelliana, 1973, p. 23).

⁴⁰ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2008, p. 147.

⁴¹ Cf. G. Bernanos, *Diário de um pároco de aldeia*, São Paulo: É Realizações, 2011.

⁴² G. Orwell, *Um pouco de ar, por favor!*, Barueri: Camelot, 2021.

⁴³ Cf. V. Grossman, *Bem hajam! Apontamentos de viagem à Arménia*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2014.

CAPÍTULO 2

NÓS SOMOS ESPERA

Ativismo, distração, imperativo do retorno à normalidade – não me levem a mal, não se trata da compreensível instância por vencer as dificuldades e recuperar uma situação sanitária e econômica mais sustentável, mas do afã em esquecer e sufocar as perguntas humanas – são todas formas de fugir de si e da realidade: representam, para a maior parte das pessoas, uma disposição habitual, que lhes permite não precisarem lidar com aquela profundidade do próprio eu que podemos resumir numa palavra já usada: “espera”; uma espera de vida, de significado, de plenitude, de realização. Todavia, como dissemos, há circunstâncias como a pandemia, com todas as suas consequências, que mesmo que só por uns momentos nos arrancam da distração, nos retomam da nossa fuga e nos devolvem à presença de nós mesmos.

Por que as nossas tentativas de nos realizar ou de fugir de nós mesmos dão errado? Porque “a alma supera o mundo, não se satisfaz com o que veem os olhos, com o que sei. Chora de nostalgia”.¹ Por mais que as conduzamos com empenho ou obstinação, nenhuma das nossas tentativas consegue proporcionar-nos a realização que, implícita ou explicitamente, procuramos quando acordamos de manhã, quando realizamos nossas atividades ou organizamos nossas “evasões”. Por causa da insuficiência estrutural das nossas forças e das coisas que mesmo assim conseguimos obter, não conseguimos encontrar aquilo que no fundo esperamos. Por isso, Simone Weil afirma perspicazmente: “Os bens mais preciosos não devem ser buscados, mas aguardados. Pois o homem não pode encontrá-los pelos seus próprios esforços, e caso ele se dedique a buscá-los, encontrará no seu lugar falsos bens, cuja falsidade ele não saberá discernir”.²

1. Um dado inextirpável

A espera, pois, é o que sempre resta quando as nossas tentativas, incluídas as bem sucedidas – aliás, diria eu, principalmente estas –, se demonstraram insuficientes para alcançarmos o objetivo, que é a nossa realização, a plenitude aqui e agora, a cada instante, não amanhã ou no além.

Um dos maiores poetas contemporâneos, recém-falecido, Adam Zagajewski, estabeleceu com estas palavras a vastidão da nossa espera:

“Estes breves momentos
que são tão raros –
Seria isto a vida?
Os poucos dias
em que volta a claridade –
Seria isto a vida?
Os momentos em que a música
recupera sua dignidade –
Seria isto a vida?
As raras horas
em que o amor triunfa –
Seria isto a vida?”³

¹ P. Van der Meer, *Diário de um convertido*, Alba (Cn): Paoline, 1967, p. 34.

² S. Weil, *Espera de Deus*, Petrópolis: Vozes, 2019, p. 78.

³ A. Zagajewski, “I brevi istanti”, in Idem, *Guarire dal silenzio*, Milão: Mondadori, 2020, p. 16.

Nesta poesia ganha voz, de maneira exemplar, algo que pertence à experiência de todos. Embora a cultura em que vivemos tente suprimir essa espera, desmotivá-la ou alterá-la, qualquer tentativa sua vai de encontro a algo que não se pode evitar: nossa natureza humana. É o que reconhece Bertold Brecht numa poesia de sua autoria:

“Não satisfazer os desejos, antes
esquecê-los, dizem, é sábio.
Nada disto posso eu:
realmente, vivo em tempos sombrios!”⁴

Nem os tempos sombrios podem erradicar do coração o desejo, a espera por algo correspondente à nossa sede de vida. “A cultura dominante”, que pode ter certo interesse em promover o esvaziamento do sentido da vida, favorecendo o niilismo existencial, “por mais que possa impregnar a mente do indivíduo e da massa, tem um limite perante o qual é obrigada a deter-se: a natureza do homem, que é definida pelo senso religioso”. Tal natureza, afirma Giussani, “não só jamais poderá ficar completamente atrofiada, mas estará sempre, mais sensivelmente ou menos, numa posição de espera”.⁵

Essa espera é o dado inextirpável que cada um de nós dispõe para lidar com todo e qualquer momento da vida, mesmo quando escapa dele. “Alguém alguma vez nos prometeu algo? E então por que esperamos?”⁶ Com estas palavras, Pavese identificou o centro do seu e do nosso eu, algo que é de todos nós: a espera. Ela pertence ao nosso tecido original: somos feitos como “espera de”. Nós não só esperamos: nós *somos* espera!

Uma amiga me escreveu: “Percebo que meu eu mais profundo espera algo que dê esperança, espera poder dizer: ‘Sim, a esperança existe’. Num momento em que seria levada a dizer: ‘Na verdade não tenho tanta certeza assim’, percebo que sou feita da espera de uma positividade última em tudo o que vivo, isto é, sou feita para a esperança. Sei que muitas vezes tanto Giussani quanto você nos repetiram e mostraram que, se há tal expectativa, já é sinal de que o que responde a ela existe. Mas parece que eu sei isso só na teoria”.

Ninguém fica indiferente quando depara com uma presença cheia de uma promessa e de um significado que tem a ver com tal promessa, mesmo quem parece estranho a essa espera, quem não lhe dá o devido peso ou não a leva a sério, tomado por distrações ou por censuras de sua própria humanidade. Todos veem reacender-se em si a espera, e têm de confessar a si mesmos que também esperavam secretamente. Como aconteceu aos universitários que, no intervalo entre um *lockdown* e outro, num clima de quase total aquiescência, receberam de alguns colegas o panfleto “A universidade não está fechada enquanto nós vivermos”.⁷ Mudaram de cara, a espera voltou a florescer neles.

A espera é um dado. É o que nos lembrou Bento XVI: “A expectativa, a espera é uma dimensão que atravessa toda a nossa existência pessoal, familiar e social. A espera está presente em mil situações, desde as menores e banais, até as mais importantes, que nos empenham total e profundamente. Entre elas, pensamos na espera de um filho da parte de dois esposos; na espera de um parente ou de um amigo que vem visitar-nos de longe; pensamos, para um jovem, na expectativa do êxito de um exame decisivo, ou de uma entrevista de trabalho; nos relacionamentos afetivos, na espera do encontro com a pessoa amada, da resposta a uma carta, ou do acolhimento de um perdão... Poder-se-ia dizer que o homem está vivo enquanto espera, enquanto no seu coração estiver viva a esperança. É das suas expectativas que o homem se reconhece: a nossa ‘estatura’ moral e espiritual pode ser medida a partir daquilo que aguardamos, daquilo em que esperamos”.⁸

⁴ B. Brecht, “A coloro che verranno”, in Idem, *Poesie. II (1934-1956)*, Turim: Einaudi, 2005, p. 311, vv. 30-33.

⁵ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, a cura di C. Di Martino, Roma: EDIT, 1993, p. 41.

⁶ C. Pavese, *O ofício de viver*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 308.

⁷ <https://www.ateneostudenti.it/2020/11/01/luniversita-non-e-chiusa-finche-noi-viviamo/>

⁸ Bento XVI, *Ángelus*, 28 de novembro de 2010.

A espera é tão constitutiva do nosso eu, que nem as situações piores, mais sofridas, mais contraditórias conseguem eliminá-la totalmente; mesmo em circunstâncias em que haveria todas as razões para deixarmos de esperar, temos testemunhos dela: “O meu tempo está sempre preenchido, mas no pano de fundo se encontra, da manhã até a noite, a espera”,⁹ escreveu Dietrich Bonhoeffer da prisão berlinense de Tegel, onde ficou encarcerado de 1943 a 1945 e depois foi enforcado, por causa de sua oposição ao regime nazista. Não perdia um minuto, e no pano de fundo crescia a espera.

Nada consegue derrotar esta evidência elementar e indestrutível: nós somos “espera de”. Fazendo alusão a um conto de Kafka, o escritor espanhol Gustavo Martín Garzo fala do nosso coração, que espera como um animal “que nos pede coisas que, embora não sejamos capazes de cumprir, insiste para que as façamos”.¹⁰ E Iribarren, na mesma linha, escreveu: “E como pode ser / – digo-me, vendo a vida passar / em direção à praia –, que apesar / das devastações inclementes / que o tempo / nos inflige, / não se atenua nem uma vírgula / sequer, não nos dê tregua / um segundo, / este incessante / sonhar com o impossível”.¹¹

2. A afeição a si

Atenção, o dado dessa espera, embora imponente e objetivo, não é a última palavra. Quer dizer: ele exige ser reconhecido, aceito, feito valer. Logo desafia nossa razão e nossa liberdade. Esta é a nossa grandeza como homens: a espera está na nossa natureza, mas podemos de muitas formas – como dissemos – tentar viver como se não estivesse aí, distraíndo-nos, fingindo que não existe; ela existe, mas não se impõe automaticamente.

Alguém poderia perceber como a enésima desgraça o fato de que a evidência da espera que somos não se imponha automaticamente, mas deva ser reconhecida por nós; e poderia considerar igualmente o fato de que, além de não podermos satisfazê-la com nossas forças, não possamos tirá-la de nós. Mas, se formos fiéis à nossa experiência, entendemos que não nos conviria absolutamente arrancá-la das fibras do nosso ser, e é uma sorte que a tentativa de sufocar a espera seja em última instância impossível de realizar. De novo, Pavese vem para nos iluminar: “Esperar é também uma ocupação. Não esperar nada é que é terrível”.¹² Cada um de nós pode verificá-lo quando acorda de manhã e não espera nada. Nesses momentos poderá confessar a si mesmo se é melhor acordar esperando algo ou abrir os olhos para o dia sem esperar nada.

A espera – que ninguém consegue extirpar totalmente do próprio coração – apresenta-nos toda manhã uma alternativa, que põe em campo aquilo que define a nossa grandeza de seres humanos: a liberdade. Qual é a alternativa? Levar a sério a espera ou deixar para lá. A decisão nunca é óbvia. Somos livres por isso. Uma pessoa me escreveu: “É a primeira vez que tento responder às perguntas que você nos faz antes de Exercícios ou assembleias, pois é a primeira vez que cheguei a me levar tão a sério a ponto de me dizer que a pergunta ‘Há esperança?’ é precisamente para mim, dirigida a mim, e que não são só ‘os outros’ que precisam responder. Descobri que, na minha vida, eu é que sou a protagonista”.

O drama da nossa liberdade, que entra em cena todo santo dia, é bem descrito por “George Gray”, na *Antologia de Spoon River*:

⁹ D. Bonhoeffer, *Resistência e Submissão: Cartas e anotações escritas na prisão*, São Leopoldo: Sinodal, EST, 2003, p. 148.

¹⁰ G.M. Garzo, “Estimado Franz Kafka”, *El País*, 25 de outubro de 2020.

¹¹ “Y cómo puede ser / – me digo, viendo pasar la vida / hacia la playa –, que, pese / a las devastaciones inclementes / que el tiempo / nos inflige, / no se amortigüe un ápice / siquiera, no nos dé tregua / un segundo, / este incesante / soñar con lo imposible” (K.C. Iribarren, “Verano cruel”, in Idem, *Seguro que esta historia te suena*, op. cit., pp. 330-331).

¹² C. Pavese, *O ofício de viver*, op. cit., p. 324.

“Muitas vezes estudei
a lápide que esculpiram para mim:
uma barca com velas amainadas, em um porto.
Na realidade, essa não é a minha destinação,
mas a minha vida.
Porque o amor se me ofereceu, e eu me retraí do seu engano;
a dor bateu à minha porta, e eu tive medo;
a ambição me chamou, mas eu temi os imprevistos.
Malgrado tudo, eu tinha fome de significado na vida.
E agora sei que devo içar as velas
e tomar os ventos do destino,
seja para onde for que levem a barca.
Dar sentido à vida pode levar à loucura,
mas uma vida sem sentido é a tortura
da inquietação e do vão desejo –
é uma barca que anela o mar, mas o teme”.¹³

Somos como uma barca que anela o mar, não pode deixar de esperá-lo, pois tal anelo é constitutivo, mas o teme. Eis, então, que tem início a luta: seguir o anelo do mar, a fome de uma vida repleta de significado, ou retrain-se, contentar-se, não arriscar, por medo dos imprevistos.

É desta tentação de nos retrainmos da nossa humanidade, de nos pouparmos dos imprevistos por medo, permanecendo em segurança a bordo de “uma barca com velas amainadas, em um porto”, que fala Jesus no Evangelho, com a parábola dos talentos.

“O Reino dos Céus é também como um homem que ia viajar para o estrangeiro. Chamou os seus servos e lhes confiou seus bens: a um, deu cinco talentos; a outro, dois; ao terceiro, um; a cada qual de acordo com sua capacidade. Em seguida, viajou. O servo que recebera cinco talentos saiu logo; trabalhou com eles e lucrou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois lucrou outros dois. No entanto, aquele que recebera um só foi cavar um buraco na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, o senhor voltou, e foi ajustar contas com os servos. Aquele que recebera cinco talentos entregou-lhe mais cinco, dizendo: ‘Senhor, tu me entregaste cinco talentos. Aqui estão mais cinco que lucrei’. O senhor lhe disse: ‘Parabéns, servo bom e fiel! Como te mostraste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da alegria do teu senhor!’ Chegou também o que recebera dois talentos e disse: ‘Senhor, tu me entregaste dois talentos. Aqui estão mais dois que lucrei’. O senhor lhe disse: ‘Parabéns, servo bom e fiel! Como te mostraste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da alegria do teu senhor!’ Por fim, chegou aquele que recebera um só talento, e disse: ‘Senhor, sei que és um homem severo, pois colhes onde não plantaste e ajuntas onde não semeaste. Por isso fiquei com medo e escondi o teu talento no chão. Aqui tens o que te pertence’. O senhor lhe respondeu: ‘Servo mau e preguiçoso! Sabias que eu colho onde não plantei e que ajunto onde não semei. Então devias ter depositado meu dinheiro com os banqueiros, para que, ao voltar, eu recebesse com juros o que me pertence’. Em seguida, o senhor ordenou: ‘Tirai dele o talento e dai àquele que tem dez! Com efeito, a todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância; mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. E quanto a este servo inútil, lançai-o fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!’”¹⁴

O senhor repreende o servo que, por temor, não arriscara. Jesus diz que só quem arrisca pode ganhar a vida. Com efeito, a parábola termina assim: “A todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância; mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado”. Jesus conhecia bem a natureza do homem e a tentação de não arriscar, de recolher os remos ao barco, permanecendo

¹³ E. Lee Masters, “George Gray”, in Idem, *Antologia di Spoon River*, Turim: Einaudi, 1993, p. 131.

¹⁴ Mt 25,14-30.

confortavelmente no porto. Mas quem não arrisca na vida, quem não põe em jogo a si mesmo para ganhar o significado, este ficará sem nada, vazio.

Levar a sério a própria necessidade, a fome e a sede de uma vida plena, é o primeiro sinal de afeição a si, que é a coisa menos óbvia que há. As exigências ou as necessidades, de fato, “nós as sentimos necessariamente e nos queixamos com um grito de dor [...] quando não são escutadas, mas normalmente não as levamos a sério”,¹⁵ não lhes damos o crédito que requerem, não seguimos a direção que apontam.

O que é necessário para ter essa afeição a si que permite levar a sério o próprio anelo, a própria necessidade? “A afeição a si exige a pobreza”, disse Giussani aos universitários em 1983. “Por isso Cristo disse: ‘Bem-aventurados os pobres no espírito’, ou ‘Bem-aventurados os que têm fome e sede da justiça’; pois [a afeição a si] não é o apego a algo que nós definimos, mas a algo que nos define; o reconhecimento de algo que nos define, sem que nós tenhamos podido intervir para determinar a questão. Assim, a exigência do amor ou a exigência da realização pessoal ou a exigência da companhia são incomparavelmente algo maior e mais profundo, que deve ser ouvido e cuidado com seriedade, sem comparação com toda a obstinação que pomos no querer o objeto por nós pensado, imaginado ou escolhido.”¹⁶

A afeição a si, portanto, não tem nada que ver com o amor próprio: ela nos escancara para a descoberta das nossas exigências constitutivas, das nossas necessidades originais, em sua nudez e vastidão. Com efeito, quem é o pobre no espírito? “É a pessoa que não tem nada exceto uma coisa para a qual e da qual é feita, vale dizer, uma aspiração sem fim [...]: uma espera sem limites. Não é uma espera sem limites só porque é sem fim o acúmulo de coisas que ela espera; não, [o pobre] não espera nada [de concreto, que o acabaria decepcionando], mas vive uma abertura sem limites [...] [parece quase uma contradição]. Como diz uma poesia de Clemente Rebora [...]: ‘Não espero ninguém...’, e no entanto tende completamente.”¹⁷ Esta é a originalidade do homem, tender completamente a algo que não sabe ainda o que é, mas que o toma da cabeça aos pés.

O homem é espera – esta é a nossa natureza –, mas de quê? O coração humano é espera do infinito, uma espera sem limites. O pobre é o homem que coincide com tal espera, que tende a algo que não conhece, que não mede, mas que o constitui e irresistivelmente o atrai.

Não é fácil encontrar pessoas que saibam captar o humano em sua totalidade, sem reduções. Ainda me lembro de como era impressionante escutar Giussani: olhava para o humano com tamanha capacidade de abraçar tudo aquilo de que é feito, que me dava vontade de me abraçar a mim mesmo da mesma maneira. Enchia-me de gratidão saber que havia alguém que abraçava tão radicalmente a minha humanidade. Quando identificamos alguém capaz de semelhante olhar, é uma libertação. “A seriedade na afeição a si”, escreveu ainda Giussani, “é a percepção da própria necessidade sem limites, mas – insisto – não da própria necessidade sem limites na medida em que quer cem mil coisas e depois deseja também cem mil e uma! É sem limites justamente porque não antepõe nenhuma imagem de coisas de que precisa: ‘É’ necessidade!”¹⁸ É espera! Que experiência não é preciso viver para chegar a dizer coisas assim! Cada um de nós “é” necessidade, uma necessidade sem limites, que se demonstra antes e além de toda e qualquer possível imagem.

3. “Se rasgasses os céus e descesses”

Levar a sério a espera não diminui a ansiedade em relação ao que a cumprirá. Essa ansiedade atravessa a nossa pessoa e a história: temos dentro de nós uma espera irredutível e única por algo

¹⁵ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Milão: Bur, 2008, p. 295.

¹⁶ *Ibidem*, p. 296.

¹⁷ *Ibidem*, p. 298.

¹⁸ *Ibidem*, p. 299.

que não tem fim, e não está em nosso poder imaginar como poderá realizar-se. É mistério. A espera é dirigida a “algo” que não conhecemos, que ultrapassa qualquer identificação, qualquer medida. Isto é duro de aceitar, mas a grandeza do homem está toda aqui.

Nunca mais o esqueci, desde quando li pela primeira vez em Leopardi: “O fato de não se satisfazer de nenhuma coisa terrena”¹⁹ é o maior sinal da grandeza humana. É raro um olhar sobre o homem como este. Para muitas pessoas, o fato de não poderem satisfazer-se de nenhuma coisa terrena é uma desgraça, e fariam de tudo para reduzir essa espera, para poderem contentar-se com algo que esteja ao alcance delas. Pelo contrário, escreve Miguel de Unamuno, “o que passa não me satisfaz, [...] tenho sede de eternidade, [...] sem ela, tudo me é indiferente. Preciso dela, preciso dela! Sem ela, já não há alegria de viver e a alegria de viver nada mais me tem a dizer. É muito fácil afirmar: ‘É preciso viver, é preciso contentar-se com a vida’. E os que não se contentam?”²⁰

Essa insatisfação remete a algo tão grande, que é inimaginável. “A situação presente do homem é pura espera de um evento que ele não pode preparar de modo algum e cuja aparição é absolutamente imprevisível.”²¹ Não sabemos o que é nem como poderá acontecer, mas o esperamos. Aliás, é aquilo que sobretudo, no fundo de tudo, supremamente esperamos. Hoje como ontem, como dois mil anos atrás.

Ernest Hello retrata-o muito bem, falando do tempo de Jesus: “Durante a espera deles, o velho mundo romano realizara prodígios de abominação, ambições opostas guerrearam entre si, a terra se curvara ao cetro de César Augusto. A terra não percebera ainda a importância do que nela se cumpria. Aturdida pelos rumores [...] de guerras e discórdias, não percebera uma coisa importante que ocorria: era o silêncio dos que esperavam na profunda solenidade do desejo. A terra não sabia nada de tudo isso. Se fosse preciso recomeçar hoje, não o saberia mais do que então. Ignorá-lo-ia com a mesma ignorância, desprezá-lo-ia com o mesmo desprezo, se a obrigassem a dar-se conta. Era o silêncio, digo, a verdadeira coisa que *se realizava* em sua superfície sem que o soubesse. Esse silêncio era uma ação autêntica. Não era um silêncio negativo, ausência de palavras; era um silêncio positivo, ativo para além de qualquer ação. Enquanto Otaviano e Antônio disputavam entre si o império do mundo, Simeão e Ana aguardavam. Quem, entre eles, agia mais?”²²

Bento XVI descreveu o mistério dessa espera: “No tempo precedente ao nascimento de Jesus, era extremamente intensa em Israel a espera do Messias, ou seja, de um Consagrado, descendente do rei Davi, que finalmente teria libertado o povo [de Israel] de toda escravidão [...], instaurando o Reino de Deus. Mas jamais ninguém teria imaginado que o Messias pudesse nascer de uma jovem humilde como era Maria, noiva do justo José. Nem sequer ela mesma jamais teria pensado, e no entanto no seu coração a expectativa do Salvador era tão grande, a sua fé e a sua esperança eram tão fervorosas, que Ele pôde encontrar nela uma mãe digna. De resto, foi o próprio Deus que a preparou, antes dos séculos. Existe uma misteriosa correspondência entre a espera de Deus e a de Maria, [...] totalmente transparente ao desígnio de amor do Altíssimo”.²³

A espera que se achava em Simeão, Ana e Maria não é apenas uma coisa do passado. Não, no mesmo silêncio de então, longe dos holofotes como então, essa espera resta no íntimo da nossa humanidade, no silêncio do nosso coração, nas entranhas do nosso eu. E continua a arder. Uma

¹⁹ Reporto na íntegra a conhecida passagem de Leopardi: “O fato de não se satisfazer de nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, da Terra inteira; de considerar a amplitude inestimável do espaço, o número e a imponência maravilhosa dos mundos e descobrir como tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma; de imaginar infinita a quantidade de mundos, o universo infinito, e sentir que nossa alma e nosso desejo são ainda mais vastos que tal universo; de acusar continuamente as coisas de insuficiência e nulidade e padecer angústia e vazio e, portanto, tédio, parecem-me o maior sinal da magnitude e da nobreza da condição humana” (G. Leopardi, “Pensamentos”, in Idem, *Poesia e prosa*, op. cit., p. 497, LXVIII).

²⁰ M. de Unamuno, “Cartas inéditas de Miguel de Unamuno y Pedro Jiménez Ilundain”, organização de H. Benítez, *Revista de la Universidad de Buenos Aires* 3 (9/1949), pp. 135, 150; apud Raniero Cantalamessa, *Nós anunciamos a vida eterna (1Jo, 12)*, Segunda pregação do Advento, 11 de dezembro de 2020.

²¹ J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, op. cit., p. 216.

²² E. Hello, *Fisionomias de Santos*, São Paulo: Cultor de Livros, 2014.

²³ Bento XVI, *Ángelus*, 28 de novembro de 2010.

universitária escreveu: “Minha humanidade está constantemente à espera de uma Presença que a realize”. É o que também afirma Rilke, o grande poeta alemão: “Estavas sempre / distraído, à espera, como se tudo / anunciasses a amada”.²⁴ A espera que constitui originalmente o nosso coração é espera de uma presença que responda, que salve – conserve e realize – a nossa humanidade.

Como escreveu Daniele Mencarelli em seu último romance autobiográfico: “Gostaria de dizer a minha mãe aquilo de que realmente preciso, sempre a mesma coisa, desde que soltei meu primeiro choro no mundo. Não foi simples dizer o que quero há tanto tempo, eu tentava explicá-lo com conceitos complicados, passei estes primeiros vinte anos de vida estudando as melhores palavras para descrevê-lo. E usei muitas palavras, em excesso, depois entendi que tinha de proceder em sentido contrário; assim, dia após dia, comecei a retirar uma, a menos necessária, supérflua. Um pouco de cada vez, fui encurtando, podando, até chegar a uma só palavra. Uma palavra para dizer o que realmente quero, esta coisa que carrego comigo desde o nascimento, antes do nascimento, que me segue como uma sombra, estendida sempre ao meu lado. Salvação. Não digo esta palavra a ninguém além de mim. Mas eis aqui a palavra, e com ela seu significado maior do que a morte. Salvação. Para mim. Para minha mãe na outra ponta do telefone. Para todos os filhos e todas as mães. E os pais. E todos os irmãos de todos os tempos passados e futuros. Minha doença chama-se salvação, mas como? A quem dizê-lo?”²⁵

No ápice da consciência sofrida e apaixonada da existência, explode o grito da nossa humanidade, como um pedido que emerge das profundezas do coração humano de todos os tempos, uma invocação ao Mistério insondável: “Se rasgasses os céus e descesses!”²⁶ Este é o pedido implícito de cada despertar nosso e em cada gesto do dia, até mesmo daqueles que não sabem quem é esse “tu” que, no entanto, esperam. “Se rasgasses os céus e descesses!”: é o pedido da razão e da afeição do homem interessado em não viver a vida em vão. Por isso, Montale, que a seu modo tinha uma familiaridade com o humano, escreveu: “No esperar há alegria mais completa”.²⁷

Visto que esperamos algo sem saber como se fará presente, o problema não é de inteligência, mas de atenção. É o que devemos pedir, como ressaltou o Papa Francisco ao citar Santo Agostinho: “*Timeo Iesum transeuntem*’ (*Sermones*, 88,14,13), ‘tenho medo de que Jesus passe sem me dar conta’ (*Sermones*, 88, 14, 13). Arrastados pelos nossos interesses, [...] distraídos por tantas vaidades, corremos o risco de perder o essencial. Por isso, hoje, o Senhor repete ‘a todos: vigiai!’ (Mc 13,37). Vigiai, estai atentos!”²⁸

²⁴ R.M. Rilke, “Primeira elegia”, in Idem, *Elegias de Duíno*, São Paulo: Biblioteca Azul 2013, p. 11, vv. 31-32.

²⁵ D. Mencarelli, *Tutto chiede salvezza*, Milão: Mondadori, 2020, pp. 22-23.

²⁶ Is 63,19.

²⁷ Cf. E. Montale, “Glória do estendido meio-dia”, in Idem, *Ossos de sépia: 1920-1927*, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 84.

²⁸ Francesco, *Homilia na Santa Missa com os novos Cardeais*, 29 de novembro de 2020.